



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
implicações para o desenvolvimento sociocultural em escola
internacional**

Anna de Souza Lima Junqueira

Orientadora: Professora Vera Regina Loureiro

Rio de Janeiro

2016

ANNA DE SOUZA LIMA JUNQUEIRA

**BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
implicações para o desenvolvimento sociocultural em escola
internacional**

Monografia apresentada junto ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção de graduação em Pedagogia, sob orientação da Professora Vera Regina Loureiro.

Rio de Janeiro

2016

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, seu marido e meu padrinho pelo irrestrito apoio e confiança e, principalmente, por acreditarem em mim. Ao meu filho Arthur, pela paciência, pelas palavras de incentivo e, sobretudo, amor. À minha orientadora, Professora Vera Loureiro pelo carinho e dedicação.

BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: implicações para o desenvolvimento sociocultural em escola internacional

Anna de Souza Lima Junqueira

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir o papel do bilinguismo na educação infantil e como o desenvolvimento da linguagem desempenha papel fundamental na aquisição do domínio da segunda língua. Partindo da minha experiência em ambiente escolar internacional, pretendo analisar como o processo de aprendizado e imersão em uma segunda língua afeta o processo de construção da identidade cultural dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação bilíngue, bilinguismo, cultura, biculturalismo, escolas bilíngues, escolas internacionais

Abstract:

The following work aims at discussing bilingualism in pre-school and how the development of language affects both the acquisition and domain of the second language. Starting from my experience in an international school, I intend to analyze how the learning process and immersion in a second language affects the cultural aspects of the students lives.

KEYWORDS: Bilingual education, Bilingualism, Culture, Biculturalism, Bilingual Schools, International Schools.

SUMÁRIO:

Introdução.....	6
Capítulo 1 : Aquisição da Linguagem e Constituição do Sujeito.....	8
1.1 Abordagem sociohistórica de Vygotsky.....	10
1.2 A questão da mediação	11
1.3 As Funções Psicológicas Superiores: relações entre linguagem e pensamento	15
Capítulo 2: Bilinguismo e Biculturalismo.....	17
2.1 Globalização, Multilinguismo e o Inglês como ‘língua mundial’.....	20
2.2 Cultura.....	23
2.2.1 Cultura e Escola.....	23
Capítulo 3: Metodologia e Contexto.....	24
3.1 Metodologia.....	25
3.2 Contexto.....	25
Capítulo 4 : Relato de Experiência: Análise e Discussão.....	27
Capítulo 5 : Considerações Finais.....	31
6. Referências Bibliográficas	33

Introdução

Em Outubro de 2013 comecei a trabalhar como professora assistente na escola *Our Lady of Mercy American School*, uma escola americana onde os estudantes estão imersos, oito horas por dia, na língua inglesa, desde os dois anos de idade. A escola segue o calendário letivo americano e seu currículo também é americano. Aulas de Português, História e Geografia Brasileira, são oferecidas como optativas para os estrangeiros e só são dadas aos alunos brasileiros, a partir do segundo ano do ensino fundamental. A educação infantil é, portanto, toda ministrada em inglês, para que as crianças cheguem ao *Elementary* (correspondente ao Fundamental I) completamente familiarizadas com o idioma, isto inclui as aulas de artes, música e educação física.

No meu dia-a-dia no trabalho pude perceber o quanto é “natural” para as crianças pequenas o aprendizado da segunda língua e o quão fluentes elas se tornam em um curto período de tempo. Desta constatação surgiu a reflexão acerca de quão desafiadora é a convivência da segunda língua com a língua materna.

É inegável que atualmente vivemos em um mundo onde tudo está conectado pela famosa globalização, onde o inglês se consolida como língua dominante e as diferentes culturas acabam sofrendo influências decorrentes desta realidade.

Pretendo, neste trabalho, discutir a relação da aquisição da segunda língua em um ambiente escolar bilíngue e o papel singular da escola na construção da autonomia e do desenvolvimento social de seus alunos.

O tema desta monografia retrata questionamentos que permeiam e aguçam a minha curiosidade, não apenas como estudante de Pedagogia mas, principalmente, como professora assistente na escola americana em que trabalho. Nesta instituição, ao longo da educação infantil (*pre-nursery, nursery, junior kinder e senior kinder*), as crianças passam um total de oito horas diárias imersas na língua inglesa, interagindo com livros, murais, canções, brincadeiras, informática, aulas de religião, educação física e, é claro, com as professoras regentes, que trabalham os conteúdos de inglês, matemática, ciências e estudos sociais.

Desta forma a linguagem vai se desenvolvendo e a capacidade dos alunos em progredir, tanto na segunda língua, quanto na língua materna (que não é estimulada na educação infantil, mas, por ser a língua afetiva, está sempre presente, sendo a língua na qual os alunos da educação infantil preferem se comunicar) se dá de formas diferentes, de aluno para aluno.

De uma forma geral não há problemas no desenvolvimento, porém certas crianças requerem mais tempo para essa aquisição, mesmo estando na escola desde o início do ciclo da educação infantil (*pre-nursery*) e, por vezes, chegam ao *elementary* sem um domínio satisfatório do nível de proficiência esperado para este estágio.

Ver a progressão dos alunos, com a oportunidade de observação diária de suas conquistas e entender como todo esse processo bilíngue de interação social através de duas línguas funciona, me encorajaram a perseguir esta temática como assunto de minha monografia.

Ao pesquisar trabalhos anteriores, percebi que havia uma lacuna em relação a pesquisas a respeito deste tema na educação infantil. Não tenho a pretensão de sanar todas as questões que o tema envolve, busco somar às informações atualmente disponíveis.

Devido ao meu trabalho, tenho a oportunidade de acompanhar crianças em idade de pré-alfabetização cujo processo se dá inicialmente todo em língua inglesa. Essa convivência é muito rica e tem me proporcionado grandes aprendizagens.

Ao acompanhar tal processo, acabo por ver, na prática, muitos dos conceitos defendidos por Vygotsky (1991), principalmente acerca de como o desenvolvimento humano se dá, através de trocas sociais, nos processos de interação e mediação. desde muito cedo (caso dos que começam este processo no início da educação infantil) Os alunos de escolas internacionais ou os de escolas bilíngues são desafiados a desenvolver a segunda língua concomitantemente à primeira. é fascinante ver como as informações, ao invés de se chocarem em suas mentes, se acomodam, e como as crianças se adaptam,.

Nas palavras de Khol:

“Aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental.” (1993:115)

Busco, aqui, investigar como a aquisição de uma segunda língua e a troca de experiências na relação aluno x aluno e aluno x professor, no ambiente pré-escolar, acabam por interferir no processo de aprendizado do estudante imerso em uma instituição onde o inglês é a língua majoritária e a instituição é uma escola americana em que, conseqüentemente, o currículo segue o currículo das escolas dos Estados Unidos da América.

Os autores Rego (1994), Vygotsky (1991, 1999), Grosjean (2010), Khol (1993) e Laraia (2009) nortearão esta pesquisa com suas teses e ensinamentos, que serão meu fio condutor na investigação do tema.

O presente trabalho dialoga com Laraia (2009) buscando explorar e compreender o significado de cultura e sua representação na atualidade. O autor nos leva a perceber as significações dos costumes, crenças, religiões, modos de vida, sociedade, enfim, todos os fatores constituintes da cultura e como estes são responsáveis por moldar a sociedade e transformar a vida do homem.

A linguagem é fator fundamental na integração do homem na sociedade. É através dela que o homem interage com o meio e se desenvolve. Para Vygotsky, sem ela o homem não é nem social, nem histórico e nem cultural. É a nossa capacidade de pensar e de transformar o pensamento em sons, a língua, que nos torna humanos e nos diferencia. “O pensamento não é simplesmente expresso em palavras, é por meio delas que ele passa existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com outra, a estabelecer uma relação entre as coisas.” (Vygotsky, 1999:156).

O bilinguismo, entendido como capacidade de alguém se comunicar em duas línguas, traz reflexões acerca do ato de pensar na medida em que a comunicação passa, necessariamente, pelo ato de pensar, pela constituição da identidade e pela cultura do indivíduo. O diálogo com Grosjean (2010) vem sanar dúvidas e enriquecer a pesquisa ao esclarecer questões e pontos-chave no âmbito do bilinguismo. Para ele, um indivíduo não precisa dominar completamente a outra língua para ser considerado bilíngue. Isso

corroborar minhas observações no estudo de caso que apresento, em que um menino sírio que convive com três línguas não tem ainda a proficiência desejada pela escola para a idade dele, porém, com o conhecimento que possui, é capaz de entender e se fazer entender, estabelecendo desta forma, uma comunicação eficaz.

Adotarei como fonte teórica para a metodologia utilizada nesta monografia o trabalho de pesquisadores que vêm estudando a abordagem qualitativa de pesquisa em educação (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

O trabalho será desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica complementada por minhas observações em sala de aula. Pretendo desta forma conduzi-lo utilizando o referencial teórico como fonte principal de informação e traçando uma relação entre teoria e minha práxis pedagógica.

Ao final desta pesquisa pretendo ter contribuído para o entendimento do processo de aquisição de uma segunda língua na esfera da educação infantil, bem como compreender de que maneira, através da interação social e com o meio, este processo evolui e a aprendizagem é possível.

As questões que pretendo discutir ao longo desse trabalho e assim contribuir para um maior entendimento acerca do tema são:

- 1- A noção de que a língua é um dos fatores constituintes da cultura e que esta é, por sua vez, uma das identidades de uma sociedade.
- 2- A relação entre linguagem e cultura, como uma é a expressão da outra e como ambas têm a capacidade de desenvolver e modificar uma à outra.

1. Aquisição da Linguagem e Constituição do Sujeito

O maior portal de buscas do nosso mundo altamente globalizado, o Google, define linguagem como: Qualquer meio sistemático de comunicar ideias e sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais e outros. Entretanto, pode uma definição tão vaga e curta realmente explicar o poder da linguagem e seu papel na evolução do homem?

Segundo Mark Pagel¹, professor da Universidade de Reading (Inglaterra), conforme palestra realizada na Universidade de Edimburgo (Escócia), a linguagem tem a função de “implantar” o que está no pensamento de uma pessoa no pensamento da outra. Funciona como uma ponte que possibilita a transmissão de ideias. O que nos difere dos macacos é que estes não se comunicam através de uma linguagem codificada como a nossa. Eles não aprendem uns com os outros na vida em sociedade nem com seus erros e nem com a sabedoria dos mais antigos. Eles atuam pelo instinto, no que Pagel chama de “*lack of learning*”, algo como um déficit de aprendizado. Para o Professor Pagel, eles ainda atuam como o *homo erectus* de dois milhões de anos atrás.

Para Pagel, a espécie humana, em comparação, aprende ao imitar, ao observar, ao errar. Podemos escolher como aprender, pois há várias possibilidades. Podemos nos beneficiar da ideia de outros e até criar nossa própria sabedoria, resultando assim no acúmulo de ideias e na conseqüente evolução não só do próprio homem, mas também dos meios de trabalho e das tecnologias. Esta última sendo nada mais do que o resultado de nosso pensamento e das nossas necessidades tanto individuais quanto culturais.

Ao assistir Pagel discursar, imediatamente após ele mencionar como o homem aprende ao imitar, fui remetida ao filme “O garoto selvagem”, baseado em fatos reais e que conta como um menino de aproximadamente 11/12 anos foi encontrado em uma floresta e levado para Paris para ser estudado pelo médico psiquiatra Jean Itard. O menino não falava e não interagía com as pessoas como um ser humano consciente de suas capacidades e potencialidades. Ele andava como um quadrúpede, escalava árvores com facilidade, alimentava-se com voracidade e não entendia a linguagem que os homens utilizavam com ele. Por medo e instinto, suas reações eram sempre pautadas por reflexos de sobrevivência. Por exemplo, quando foi encontrado na floresta, o menino fugiu e subiu em uma árvore por causa dos cachorros, numa clara reação de medo.

Ao ser “adotado” pelo psiquiatra, o menino é forçado a viver como “gente”, onde a primeira lição é aprender a andar como bípede. Passa então a usar roupas, sapatos, a comer com talher, a interagir sem demonstrar mais medo e, assim, passa, gradativamente, a estabelecer uma comunicação com o médico e sua assistente, imitando suas ações.

Só o homem tem a capacidade de transmitir seus conhecimentos, de aprender e ensinar. Um bebê não nasce sabendo como interagir com os outros ou como se comunicar.

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=ImQrUjlyHUg>

À medida que vai crescendo, começa a estabelecer vínculos e a aprender com aqueles que o cercam, através do ato de imitar, por exemplo. Uma comunicação entre ele e os outros a seu redor é então estabelecida.

1.2 Abordagem sociohistórica de Vygotsky

O desenvolvimento humano é algo que acontece de forma gradativa e nem sempre linear. Temos todo um ciclo de vida, com seus processos e desafios, envolvendo os campos próprios da evolução do ser humano: motor, social, afetivo e linguísticocognitivo. “O homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura.” (REGO, 1994:93)

Vygotsky (1991) defende a tese de que tanto o componente genético, quanto o meio são de fundamental importância para a maturação e desenvolvimento do indivíduo. Segundo Kohl, em entrevista à Coleção Grandes Educadores², há quatro dimensões do desenvolvimento psicológico humano: filogênese, ontogênese, sociogênese e microgênese. A filogênese refere-se à própria história da espécie:

“A filogênese diz respeito à história de uma espécie animal. Todas as espécies animais têm uma história própria e essa história da espécie define limites e possibilidades de funcionamento psicológico. Então, têm coisas que somos capazes de fazer e outras que não somos capazes de fazer. Por exemplo, somos bípedes, temos as mãos liberadas para outros tipos de atividades, tem uma determinada conformação da mão, que permite movimentos finos, em pinça, por exemplo, que é uma coisa particular da espécie humana, muito importante. Temos a visão por dois olhos, que é a visão binocular. Então, temos uma série de características do corpo humano, do organismo, que vão servir de fundamento para o funcionamento psicológico depois.”

A ontogênese refere-se ao desenvolvimento do indivíduo, como o ser humano evolui ao longo de sua vida, como a criança aprende a falar, a sentar, a andar, a correr. É a pertinência do homem à sua espécie.

² <https://www.youtube.com/watch?v=KwnIKDXeEdI>

Por sociogênese infere-se a história da cultura onde este indivíduo está inserido e como esta cultura interfere no seu desenvolvimento psicológico, atuando como um alargador das potencialidades humanas. Para Kohl (1993), nenhum ser humano existe fora do contexto histórico.

A microgênese está ligada a cada evento vivenciado pelo indivíduo, uma vez que cada fenômeno psicológico tem sua própria história. Para Rogoff (2005:63) o desenvolvimento microgenético é a aprendizagem que os indivíduos vivenciam a cada momento em contextos determinados, a partir da formação genética e cultural-histórica do indivíduo.

1.2 A questão da mediação

Para Vygotsky (1991) nossas ações sobre o mundo são sempre mediadas por instrumentos e signos. Como instrumentos temos tudo o que regula a ação do homem sobre o ambiente, por exemplo: canetas, cadernos, talheres, ferramentas, etc.. Por signos entendemos tudo o que regula as ações sobre o psiquismo das pessoas, tanto os signos (por exemplo: uma placa indicativa de “proibido fumar” nos possibilita compreender a mensagem), quanto a própria língua(gem). “A invenção desses elementos mediadores significou o salto evolutivo da espécie humana. Vygotsky esclarece que o uso de instrumentos e dos signos, embora diferentes, estão mutuamente ligados ao longo da evolução.” (Rego, 1994: 50-51).

Vygotsky (1991) afirma que a mediação acontece na relação do homem com o mundo e em como o indivíduo se utiliza de instrumentos e signos para interagir com o meio. É inserido na natureza que o ser humano consegue entender significado e, mais, entende os significados e códigos que o cercam. Esta mediação funciona como uma bússola para que o indivíduo consiga posicionar-se e desenvolver-se dentro do meio em que vive.

“Compreender a questão da mediação, que caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens, é de fundamental importância justamente porque é através deste processo que as funções psicológicas superiores, especificamente humanas, se desenvolvem. Vygotsky distingue dois elementos básicos responsáveis por esta

mediação: o instrumento, que tem função de regular as ações sobre os objetos e o signo, que regula as ações sobre o psiquismo das pessoas.” (REGO, 1994:50)

O homem é capaz de interagir e alterar a natureza a sua volta a partir do momento em que passa a dominar os instrumentos. No processo evolucionário da espécie humana, o homem foi criando artefatos que lhe possibilitaram ter uma melhor interação com o meio, uma vez que o instrumento é objeto provocador de mudanças externas (Rego, 1994). Aquele homem que antes comia com as mãos, passou a comer com talheres, assim como inventou potes, garrafas e copos para armazenar e servir água. O ser humano, diferentemente dos animais irracionais, tem a habilidade de inventar e aperfeiçoar seus instrumentos, visando sempre facilitar sua interação com seu habitat.

Os símbolos, por sua vez, funcionam como auxílio nas atividades psíquicas humanas, possibilitando ao homem ampliar sua memória e capacidade de acumular informações. Segundo Rego (1994:53), a linguagem vem a ser o símbolo mais importante para Vygotsky, pois é pela linguagem que o indivíduo “(...) designa os objetos do mundo exterior (...), ações (cortar, correr), qualidade dos objetos (áspero, flexível) e as que se referem às relações entre objetos (tais como: abaixo, acima)”.

Os símbolos são as representações mentais que nos permitem lidar com o meio e nos apropriar dele, nomeando tudo aquilo que o constitui e dos quais nós nos utilizamos. A língua(gem) também vai desempenhar papel fundamental no desenvolvimento psicológico do ser humano, ao estabelecer três mudanças em seu comportamento psíquico.

A língua(gem) enquanto símbolo imprime três alterações no processo evolutivo psíquico do homem. Primeiro, ela permite “lidar com objetos do mundo exterior mesmo quando eles estão ausentes” (REGO, 1994:53). Em outros termos, a primeira mudança é o fato de a língua nomear objetos, coisas abstratas, sensações, sentimentos, enfim tudo o que os homens conhecem, de tal forma que, ao nomear, o homem se apodera de algo, sem precisar ter aquilo consigo. Ao pensarmos "Hoje choveu", olhamos a rua molhada, sentimos o cheiro de terra molhada e sabemos que é algo que realmente aconteceu, mesmo sem termos presenciado a chuva.

A segunda alteração é seu uso para nomear, generalizar e ordenar coisas, ou seja, diz respeito ao processo de generalização e abstração que a língua(gem) possibilita. Ao

falar “cachorro”, estamos agrupando todas as espécies de cachorro em uma só, ou seja, generalizamos o termo; sendo assim, a linguagem acaba por organizar e classificar o real.

A terceira alteração está, principalmente, ligada à comunicação entre os homens, permitindo a transmissão de informações e experiências. A linguagem, como define Rego, é “um sistema de signos que possibilita o intercâmbio social entre indivíduos que compartilham desse sistema de representação da realidade” (p. 54). Por fim, a terceira mudança, vem a ser a comunicação estabelecida entre os homens. Através da linguagem a humanidade se comunica, troca e assimila informações, estabelece vínculos sociais só possíveis através da interação.

O desenvolvimento dos bebês é perfeito para exemplificar a teoria. Ao nascer, o bebê não sabe se comunicar, logo sua única fonte de troca de informação é o choro. Se está com fome, sujo ou sono o bebê chora para demonstrar que algo o está incomodando. A partir do momento em que vai crescendo, seu corpo e sua mente vão-se desenvolvendo e ele, gradativamente, nas interações e trocas com o meio e com os outros, passa a perceber o meio em que está inserido e assim, ao passo de seu desenvolvimento, começa a compreender que pode interagir com este meio. Como nos explica Kohl (1993:42):

“Vygotsky trabalha com duas funções básicas da linguagem. A principal função é a de intercâmbio social: é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem. Essa função de comunicação com os outros é bem visível no bebê que está começando a aprender a falar: ele não sabe ainda articular palavras, nem é capaz ainda de compreender o significado preciso das palavras utilizadas pelos adultos, mas consegue comunicar seus desejos e seus estados emocionais aos outros através de sons, gestos e expressões. É a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem.”

Assim, o bebê passa a significar o que está ao seu redor, começando então, a interagir com este ambiente. Desta forma ele se comunica não apenas por choro, mas por olhares, gestos e, mais tarde apontando com o dedo, até chegar à fala. Todo este processo só é possível quando o bebê está inserido em uma natureza social que o estimula, pois se precisasse amadurecer sozinho, sem contato nenhum com a sociedade, suas chances de sobrevivência seriam mínimas. Como escreve Rego (1994:59): “desde o nascimento, o

bebê está em constante interação com os adultos, que não só asseguram sua sobrevivência, mas também medeiam a sua relação com o mundo.”

Vygotsky acreditava que a interação social era fundamental para o desenvolvimento humano e que o homem se constitui por meio de suas interações sociais, onde transforma e é transformado. Sem as interações sociais, não haveria como uma criança aprender.

É a constante interação entre o homem, utilizando-se dos instrumentos e símbolos, a sociedade e o meio que ocasiona uma constante troca entre eles e um consequente aprendizado. Ao alterar o meio o homem acaba por alterar a si mesmo, no sentido de que passa a adquirir novas habilidades e está em constante evolução.

Para Vygotsky (1991), há duas linhas diferentes de desenvolvimento. De um lado, na esfera biológica, há os processos elementares; de outro lado, estão as funções psicológicas superiores que têm origem sociocultural.

1.3 As Funções Psicológicas Superiores: relações entre linguagem e pensamento

Para Vygotsky (1991) o aprendizado e o desenvolvimento humano não são lineares, passam por processos e têm no meio seu principal vetor. A interação com o meio físico e social vai acarretar em aprendizagem, que vai ser o fator gerador para os conhecimentos adquiridos pela criança, antes mesmo de sua entrada em ambiente escolar: “O aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam.” (VYGOTSKY, 1991:59).

O aprendizado precede o desenvolvimento uma vez que é necessário um conhecimento adquirido para então ocorrer algum desenvolvimento. Este será, de certa forma, consequência daquele conhecimento. De acordo com o autor:

“Uma vez que uma criança tenha aprendido a realizar uma operação, ela passa a assimilar algum princípio estrutural cuja esfera de aplicação é outra que não unicamente a das operações do tipo daquela usada como base para assimilação do princípio. Consequentemente, ao dar um passo

no aprendizado, a criança dá dois no desenvolvimento, ou seja, o aprendizado e o desenvolvimento não coincidem”.

(Vygotsky, 1991:56)

Vygotsky (1991) defende que será através das práticas, de interações estabelecidas entre o homem e o meio que as funções psicológicas superiores irão acontecer pois são mecanismos intencionais (o sujeito pensa para realizar), ações conscientes de controle e comportamento, atenção, memória voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, raciocínio dedutivo, capacidade de planejamento, entre outras, que se originam nas relações entre os indivíduos e se aprimoram ao longo do processo de internalização de formas culturais de comportamento.

As funções psicológicas superiores diferem dos processos psicológicos elementares, presentes nas crianças bem pequenas e nos animais, pois as reações deixam de ser mero reflexo e passam a ser uma vontade resultante de um pensamento lógico. Assim as funções psicológicas superiores não são estáticas e imutáveis, ao contrário, variam conforme a presença ou ausência de sistemas de mediação.

Vygotsky distingue entre conhecimento cotidiano ou espontâneo e conhecimento escolar ou científico.

O primeiro vem a ser aquele derivado da observação, da manipulação e da vivência direta com o meio e com as coisas que nos cercam. A criança vai construindo seu conhecimento a partir de suas experiências cotidianas. Por exemplo, ela constrói o significado da palavra ‘amor’, desde muito nova, uma vez que ela mama no peito da mãe, construindo assim um laço emocional. A criança é cuidada e amada pela família e outras figuras de seu meio social, gerando assim um laço afetivo. Desta forma, pouco a pouco ela vai internalizando essas experiências, esses contatos e acaba construindo o significado de todos esses laços.

Quando chega à escola, já passou por vários aprendizados espontâneos e é na instituição escolar que vai adquirir conhecimentos sistematizados, através de sua socialização e interação escolar; esses serão os saberes científicos. Nas aulas de Português, aquele “amor” que ela já sabe o que é vai ganhar novos sentidos. Vai aprender que a palavra é um substantivo e que este serve para nomear coisas e que por sua vez pode ser comum, próprio, abstrato, e assim por diante, ou seja, um conhecimento leva a outro e assim, o aprendizado científico vai-se desenvolver.

Para Vygotsky ambos os conceitos são fundamentais para que a criança possa atingir as funções psicológicas superiores e, através deles, passar pelo processo de desenvolvimento, tendo tanto o meio sociocultural, quanto escolar como mediadores.

Além disso, segundo Vygotsky (1999), o pensamento e a palavra não são ligados por um elo primário: ao longo da evolução do pensamento e da fala dão início a uma conexão que acaba por se modificar e se desenvolver. A fala é a externalização do pensamento e é pelas palavras que o homem pensa.

“ O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento.” (Vygotsky, 1999:151)

Segundo Kohl (1993), o surgimento do pensamento verbal e da linguagem como sistema de signos é um momento fundamental para o desenvolvimento humano, é o momento em que o biológico se transforma em sócio-histórico.

2. Bilinguismo e Biculturalismo

No senso geral, ser bilíngue é dominar outro idioma como se fosse o seu de origem. François Grosjean, em sua obra *Bilingual: Life and reality* (2010), afirma que o bilinguismo pode ocorrer em qualquer estágio da vida, em qualquer sociedade e em todas as partes do mundo. Para o autor, a aquisição de outra língua por um sujeito se dá pelas mais variadas razões, desde migração, trabalho, educação ou simplesmente vontade, e não está condicionada a um domínio absoluto. Por exemplo, alguém pode saber se expressar oralmente e não saber escrever corretamente a referida língua. Mesmo assim, para ele, esta pessoa é bilíngue, uma vez que está apta a comunicar-se em um segundo idioma.

Já para Bloomfield (Bloomfield, 1935, *apud* Hamers e Blanc, 2000:6) ser bilíngue é dominar duas línguas diferentes nos três aspectos: leitura, escrita e fala. A visão do autor é, portanto, mais restritiva e acaba por deixar uma grande parcela de sujeitos, aptos a se comunicarem em uma segunda língua, de fora da classe dos bilíngues.

As visões e definições para o que é “ser bilíngue” são, portanto, variadas e abrangentes. Há correntes que concordam com Grosjean e outras que seguem a linha de pensamento adotada por Bloomfield. Entretanto, há outras possibilidades de enxergar o bilinguismo, como faz Macnamara, que defende que ser bilíngue é ser capaz de se comunicar sem ter obrigatoriamente que dominar todos os aspectos linguísticos da língua. Para o autor, “um indivíduo bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever)” (MACNAMARA, 1967, *apud* HAMERS e BLANC, 2000:45).

Até a década de 60, acreditava-se que a aquisição de uma segunda língua era prejudicial ao desenvolvimento infantil. Peal e Lambert (1962), porém, demonstraram, através de uma pesquisa com dez crianças de seis escolas francesas de Montreal, que crianças falantes de Francês e Inglês sobrepassaram as monolíngues em testes de medição de inteligência verbais e não verbais, com as bilíngues possuindo maior sucesso. Assim, a visão otimista em relação ao bilinguismo infantil começou a se desenvolver.

Atualmente, acredita-se que mais da metade do mundo seja bilíngue. Tanto nos Estados Unidos, quanto no Canadá, aproximadamente 20% da população falam outro idioma além do Inglês. Na Europa, esta constatação é ainda mais expressiva, principalmente na maioria dos países conectados pela União Européia. Desta forma, percebemos que os sujeitos bilíngues, hoje, são a grande maioria no mundo.³

A resposta para a questão “Por que optar pelo ensino bilíngue ao meu filho?” parece, então, um tanto óbvia. Com o mundo cada vez mais conectado e com menos fronteiras a serem derrubadas, preparar nossas crianças para um futuro ainda mais interligado parece ser a melhor solução. Através de uma educação bilíngue é esperado que a criança cresça com as duas línguas solidificadas e que possa transitar em ambas com facilidade, preparando-se assim para o futuro.

No Brasil, de alguns anos para cá há uma crescente busca por escolas bilíngues, o que vem gerando um aumento de ofertas deste tipo de educação. Segundo Megale (2009), somente no período de 2005 a 2007 houve um aumento de 25% na oferta de escolas bilíngues e/ou internacionais no Brasil. Entretanto, tal oferta está restrita à elite

Fonte: ³ <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3322418/>

e à classe média alta, uma vez que as escolas bilíngues são caras e voltadas para esta parcela da sociedade.

“A expressão educação bilíngüe é, geralmente, mais conhecida por sua associação ao bilingüismo denominado de elite, ou seja, um bilingüismo de escolha, relacionado a línguas de prestígio tanto internacional como nacionalmente. As escolas bilíngues no Brasil (e em outros países), por exemplo, escola americana, escola francesa, têm na língua alvo seu (principal e, às vezes, único) meio de instrução independentemente da L1 do aluno.” (CAVALCANTI, 1999:387).

Tal parcela da sociedade geralmente não leva em consideração, por ignorância a respeito do assunto ou por preferência, as consequências que tal processo pode acarretar na formação da identidade de seus filhos enquanto sujeitos pertencentes a uma determinada cultura, assunto a ser abordado mais à frente.

Principalmente nas escolas internacionais (escolas estrangeiras em solo brasileiro), a imersão no segundo idioma é praticamente total, oferecendo um ambiente escolar em que duas línguas, Português e Inglês na sua maioria, são consideradas oficiais. Além da língua, elas têm como objetivo o desenvolvimento do biculturalismo. Entretanto, permanecem questionamentos sobre o desenvolvimento de identidade cultural nesses ambientes. Ser bilíngue significa ter duas culturas? Duas línguas implicam em uma cultura própria, derivada das duas?

Segundo Hamers e Blanc (2000), todo o processo de aquisição do bilingüismo e uma conseqüente aquisição de identidade cultural é algo muito complexo e, sendo desenvolvido ainda na primeira infância, acaba por influenciar o desenvolvimento da identidade cultural destas crianças. Ao crescer e se desenvolver em uma cultura dominante, a criança pode vir a perder sua identidade cultural de origem, renegando-a ou, gradativamente internalizando a cultura mais forte.

Fishman e Lovas (1970, *apud* FISHMAN, in TRUEBA, BARNETT-MIZRAHI, 1979:12) classificam o modelo de educação bilíngue em:

- Transicional: o objetivo é que a segunda língua sobrepuje a primeira, tornando-se a afetiva.

- Mono-letrado: neste modelo, ambas as línguas são utilizadas na educação, porém a alfabetização se dá apenas na segunda língua, tendo como objetivo a transição da primeira para a segunda.
- Parcial: a educação se dá em ambas as línguas, inclusive a alfabetização, porém a língua materna só se faz presente em matérias específicas, tais como ciências sociais e sua própria língua (no Brasil, caso do Português). Há aqui, uma tentativa de manutenção dos aspectos culturais do país.
- Total: este método é considerado ideal do ponto de vista linguístico e psicológico, uma vez que trabalha ambas as línguas de forma igual. As duas línguas são desenvolvidas concomitantemente, exceto quando as próprias estão sendo objeto de estudo.

No Brasil, como já dito anteriormente, as escolas voltadas para o bilinguismo em que línguas como Inglês, Francês e Alemão são oferecidas, ficam nas mãos da parcela mais economicamente abastada; porém, há em solo brasileiro escolas bilíngues voltadas para uma parcela minoritária. São elas:

- Escolas de Fronteira: são aquelas que se encontram em proximidades com países participantes do MERCOSUL, em que professores do ensino fundamental lecionam a segunda língua (espanhol ou português) nas escolas participantes.
- Escolas para surdos: a partir da lei 10436/2002 a Língua Brasileira de Sinais passou a ser considerada oficialmente como meio de comunicação e expressão. No ano de 2005, através do decreto 5.626, a LIBRAS foi regulamentada como disciplina curricular; ainda são poucas, no entanto, as escolas que a oferecem em seu currículo.
- Escolas Indígenas: Também garantidas por lei, pela LDB e por acordos entre o MEC e a FUNAI, são exclusivas das comunidades indígenas.
- Escolas Bilíngues: Escolas particulares voltadas para o ensino de línguas dominantes tais como Inglês, Francês e Alemão. Dentre elas existem as internacionais, escolas estrangeiras em solo brasileiro, onde o ensino é majoritariamente na língua de origem da escola. Exemplos: Escola Americana, *British School* e *Our Lady of Mercy American School*.

2.1 Globalização, Multilinguismo e o Inglês como ‘língua mundial’

A globalização é um dos maiores fenômenos do século XXI, tanto na esfera social, quanto na cultural e tecnológica. Tal fenômeno estreitou fronteiras, possibilitou um ainda maior crescimento econômico de países já economicamente fortes, mas também, o crescimento de alguns minoritários.

O *boom* das tecnologias e eletrônicos foi, sem dúvida, o maior facilitador para tal processo. Com tanta proximidade entre as nações, houve uma demanda cada vez maior pelo uso de uma língua comum e, assim, o Inglês, que já há muito vinha sendo a língua dominante no mundo, acabou por consolidar-se cada vez mais.

Mas como pode uma língua tornar-se global? Segundo Crystal (2003:3) uma língua atinge o *status* de global quando desempenha um papel importante e acaba sendo reconhecida em todos os países. Continuando, Crystal afirma que não é o fato de uma língua ser oficial em diversos países que a faz ser global, e, sim, o fato de outros países tomarem a iniciativa de aprender tal língua, reafirmando assim, o “poderio” que tal língua possui.

Segundo Hinton (2001, *apud* Maia, 2006), há no mundo cerca de 250 nações e aproximadamente 6.000 línguas, entre línguas oficiais e dialetos. Entretanto, a língua mais valorizada, como sendo “necessária” é a língua do ‘comércio’, a língua dos ‘negócios’, o Inglês.

No Brasil, por exemplo, temos como oficial a língua portuguesa. Entretanto possuímos dialetos indígenas e também a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como línguas faladas em nosso território. Tais línguas, apesar de também constituírem nossa sociedade, não são valorizadas, nem socialmente, muito menos na esfera educacional.

É nítida a preocupação dos pais brasileiros para que seus filhos aprendam a língua global, mas não veem como é importante que seus descendentes tenham contato com línguas pertencentes à sua própria cultura e sociedade.

Tal situação não é exclusiva dos brasileiros, pois ocorre em diversas partes do mundo. O bilinguismo faz parte da vida da população mundial, sendo raro, nos dias atuais, achar um povo/ nação exclusivamente monolinguista.

Grosjean (1982, *apud* Cavalcanti, 1999) afirma que cerca de 50% da população mundial é bilíngue. Há, inclusive, regiões onde povos falam vários dialetos e ainda falam o Inglês, tais como o Kenia e o Zimbábue, nações africanas que sofreram colonização do império britânico. Em ambos os países existem variações de dialetos, porém devido à colonização, o Inglês é ainda considerado a língua oficial. No Kenia ocorre um fato curioso: o Inglês é a língua das salas de aula, enquanto o dialeto Swahili é a forma de comunicação prevalente nas ruas e casas.

Outro exemplo interessante é a Irlanda, que tem tanto o Irlandês, quanto o Inglês como línguas oficiais, mas conta com forte influência de dialetos tais como Ullster e Shelta, principalmente no norte.

Na Espanha, país que não possui o Inglês como língua oficial, há, além do espanhol, dialetos tais como o basco e o catalão, altamente presentes na vida da população das respectivas regiões, o País Basco e a Catalunha.

Apesar dos dialetos e de diversas línguas maternas, é notória a propagação do inglês como segunda língua em todo o globo terrestre. Apesar de ser a língua mais falada no mundo, ela acaba por também representar alguns riscos.

Crystal (2003:14) enumera alguns pontos que considera mais preocupantes nesta dominação da língua inglesa: que talvez uma língua global possa vir a cultivar uma classe linguística monolíngue de elite; que acabe por ignorar outras línguas, ou que talvez aqueles falantes nativos da língua global se beneficiem de uma maior automatização com a língua, tanto no pensamento, quanto no trabalho, e que assim, estejam sempre em vantagem perante os outros.

Outra preocupação de Crystal é que, com a afirmação de uma língua mundial, cada vez menos pessoas se interessem em aprender outras línguas e que uma língua majoritária acabe por acelerar o desaparecimento de outras línguas minoritárias.

“Talvez uma língua global vá acelerar o desaparecimento de línguas minoritárias, ou – a maior ameaça - fazer com que todas as demais línguas sejam desnecessárias. ‘Uma pessoa necessita de apenas uma língua para falar com outra’, muitas vezes escutamos, ‘uma vez que uma língua global está consolidada, outras línguas simplesmente irão

morrer'. De encontro com tudo isso está a intragável face do triunfo linguístico – o perigo de alguns que irão comemorar o sucesso de uma língua à custa de outras.” (Crystal, 2003:15)

Enquanto a preocupação de que a consolidação de uma língua global acabe por, gradativamente, diminuir a importância das demais, refletiremos sobre seu impacto e suas motivações em solo brasileiro.

2.2 Cultura

Laraia (2009:25) apresenta o conceito de cultura definido por Edward Tylor, no primeiro parágrafo de seu livro *Primitive Culture* (1871) como sendo “em seu amplo sentido etnográfico, todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Desta afirmação podemos concluir que a cultura é um conjunto de especificidades passadas de gerações em gerações, em âmbito familiar ou social, sendo neste último caso uma forma abrangente, tal como a cultura de um determinado país, ou até mesmo continente.

É também através da cultura que é possível o homem evoluir, uma vez que a cultura é mutável, ou seja, ela incorpora novos hábitos, novas realidades, novas necessidades. O mundo atual não é o mesmo de cem anos atrás e o futuro não será a mesma realidade dos dias atuais. Desta forma, a sociedade se adapta a novas realidades e, com isto, muitas vezes a cultura passa por sutis mudanças.

Dentro da cultura temos a civilização humana, que a desenvolve e a segue, preservando suas características e alterando-a de acordo com a própria evolução da espécie humana. Laraia (2009:45) sustenta que :

“O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam.

A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções”.

O homem é, portanto, agente tanto ativo, quanto passivo no seu universo cultural, que tanto transforma, quanto sofre as transformações da cultura em que está inserido.

2.2.1 Cultura e Escola

A escola é um exemplo de instituição cultural. Nela os alunos serão “formados” e, mais tarde, inseridos em um mercado de trabalho globalizado. O ambiente escolar se consolida então como local de aquisição, não somente de conhecimento teórico, mas também como *locus* de socialização.

É neste ambiente escolar que as crianças viverão a maior parte de sua infância e trocarão experiências com os amigos, com professores e funcionários. Todo o processo social ocorrido dentro dos muros escolares será levado por estes alunos para suas vidas fora do ambiente escolar.

Cada vez mais é comum nos depararmos com a mecanização das instituições de ensino, tão voltadas para os resultados, e acabamos por relegar a importância que as trocas ocorridas dentro deste universo trazem a estes alunos.

Escolas internacionais ou bilíngues acabam por receber estudantes de várias partes do mundo, fazendo com que as trocas culturais sejam mais intensas e visíveis. Em um ambiente cuja cultura dominante é a americana, por exemplo, é notória a influência que tal cultura exerce nos alunos. Tratarei desse aspecto mais adiante, em meu relato de experiência.

A cultura em um ambiente escolar bilíngue está, portanto, intrinsecamente ligada à socialização, e as crianças e adolescentes que ali estudam passam a adquirir ou entram em contato com crenças, tradições, comportamentos e/ou sentimentos da cultura de origem da escola. Tal constatação vem ao encontro de Bakhtin (1999), que defende que a construção do indivíduo e da sociedade é dialógica e realizada por meio da língua, que vem a ser social.

Sociedade, cultura e língua são aspectos que permeiam a vida humana desde o nascimento. Entretanto, quando se adquire uma segunda língua em ambiente escolar bilíngue, principalmente escolas internacionais, os indivíduos passam a receber a

influência destes três aspectos da cultura de origem da instituição, o que pode causar um choque de culturas e valores.

Em meu relato de experiência, farei um apanhado de minhas observações ao longo dos meus três anos de trabalho em uma instituição de ensino bilíngue internacional.

3. Metodologia e Contexto

3.1 Metodologia

Este estudo teve como base minhas observações diárias na escola em que leciono, bem como o referencial teórico utilizado e antes exposto. Por meio de uma abordagem qualitativa, pretendo analisar os traços subjetivos e as particularidades dos alunos aqui citados e do ambiente escolar que fundamentam esta pesquisa.

Tive como apoio metodológico os autores Ludke e André (1986) e adotei como método a observação participante. Nesse método:

“O ‘observador participante’ é um papel em que a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são revelados ao grupo pesquisado desde o início. Nessa posição, o pesquisador pode ter acesso a uma gama variada de informações, até mesmo confidenciais, pedindo cooperação ao grupo. Contudo, terá em geral que aceitar o controle do grupo sobre o que será ou não tornado público pela pesquisa.”

(Ludke e André, 1986:29)

Procurei, também, seguir a estratégia definida por Denzin (1978, *apud* Ludke e André, 1986:28) segundo a qual observação participante é “uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta”.

Ao longo do período de elaboração deste trabalho, montei um diário de observações em que anotava fatos do cotidiano que mais me chamavam a atenção, situações de sala de aula, interação social dos alunos dentro e fora das salas de aula, traços culturais marcantes e conversas com alunas do *high school*. Tais anotações foram fundamentais para a elaboração deste estudo, bem como para aprofundar meus conhecimentos e proporcionar um novo olhar acerca da instituição escolar internacional.

3.1 Contexto

A escola em que trabalho é, sem dúvida, fonte primária desta monografia. É neste ambiente que vivencio, na prática, a teoria e informações aprendidas na universidade. Tenho a possibilidade de observar o desenvolvimento de 22 crianças de 6 anos, a cada ano letivo, bem como ser parte integrante nesse desenvolvimento.

Ao contrário de escolas bilíngues brasileiras que oferecem aulas em ambos os idiomas, tendo seu currículo elaborado para tal finalidade, a *Our Lady of Mercy* é considerada internacional por ser uma instituição americana em solo brasileiro. É regulada por órgão americano que, uma vez ao ano, inspeciona as instalações e entrevista professores para certificar-se de que a instituição cumpre as determinações e exigências educacionais americanas. É também regulada pelo MEC, uma vez que está em solo brasileiro e tem, por lei, que adaptar seu currículo para que o ensino de Português, História e Geografia do Brasil seja oferecido corretamente aos alunos.

Nesta instituição, os segmentos são divididos em *Pre-School*, *Elementary*, *Middle School* e *High School*, este indo até o *12th grade*. A classe de entrada é o *PreNursery*, com crianças a partir de 2 anos e 6 meses. O *Pre-School* corresponde à nossa educação infantil, o *Elementary* ao Fundamental I, o *Middle School* ao Fundamental II e o *High School* ao Ensino Médio.

Como minha experiência é toda na *Pre-School*, vou ater-me à rotina desenvolvida para este segmento. As crianças começam a ser ensinadas em Inglês na classe de entrada, o *Pre-Nursery*, porém o Português se faz presente, pois é a língua materna e a que irá ajudar como ligação para o aprendizado do inglês. O objetivo é que à medida que as crianças assimilam o vocabulário, o Inglês se faça mais presente, até que o uso do Português se faça menos necessário.

No *Nursery*, os estudantes já possuem uma gama considerável de palavras e já entendem frases e comandos. Muitos ainda relutam em falar o inglês, mas entendem praticamente tudo o que lhes é falado, chegando à classe seguinte, o *Junior Kinder*, com mais iniciativa e segurança na fala da segunda língua.

No *Senior Kinder*, classe em que trabalho, os alunos já possuem um amplo domínio do vocabulário esperado para a idade e o entendimento do idioma se dá sem grandes problemas. Há, também, maior troca entre professor e alunos, que já se mostram

mais interessados em aprender e, com frequência, perguntam quando não entendem algum comando ou explicação.

Tanto no *Senior Kinder*, quanto no *Junior Kinder* cada turma possui duas professoras, a regente e sua assistente. No *Nursery* e *Pre-Nursery*, cada turma conta com três profissionais: as duas professoras e mais uma ajudante, chamada de apoio, que fica encarregada da higiene dos alunos. Todas as turmas da *Pre-School* contam também com *religion, music, physical education, library class, nutrition class e drama class* (esta última apenas para *Junior Kinder* e *Senior Kinder*), todas ministradas, majoritariamente, em Inglês.

Sendo assim, por meio de uma abordagem qualitativa, pretendo usar minha experiência pessoal, observações diárias, relato de experiência e entrevistas com outros atores do campo do ensino bilíngue presentes na escola para discutir a prática do ensino bilíngue e sua assimilação pelas crianças do *Senior Kinder*.

4. Relato de Experiência: análise e discussão

Comecei a trabalhar na *Our Lady of Mercy School* em Outubro de 2013. Desde então trabalho em turma do *Senior Kinder*, que vem a ser a última etapa da Educação Infantil, com crianças de 6 anos. O maior objetivo do trabalho realizado nesta série é que o maior número possível de alunos chegue ao *1st grade* (primeira série do Fundamental I) praticamente alfabetizada em inglês.

No *Senior Kinder*, usamos três livros didáticos: um voltado para cópia das letras e exercícios de coordenação motora, e os outros dois utilizados para trabalhar as *high frequency words* (palavras de alta frequência), que, ao final do ano letivo, os alunos já devem estar aptos a usar corretamente para formar frases.

Segue-se a alfabetização fonética, apresentando a cada semana uma letra do alfabeto e seu som, e todos os trabalhos, tanto os de inglês, quanto os de artes, são voltados para o aprendizado da letra da semana. Uma atividade que os alunos adoram é a *phonics bag*. Toda segunda-feira, dia em que um novo fonema é introduzido, as crianças levam para casa suas *phonics bag* e um bilhete, dizendo a letra e o fonema a ser trabalhado. Todos têm até a próxima sexta-feira para trazerem suas *bags* com objetos, brinquedos, desenhos ou figuras de tudo o que eles encontrarem, começando com o fonema trabalhado. Cada aluno deve trazer quatro ou cinco objetos. Esta é, sem dúvida, a

atividade pedagógica mais aguardada por eles, pois todos gostam de participar, de apresentar suas *bags* e ver quem traz mais coisas “diferentes” e desconhecidas dos demais. Além de divertido, é uma oportunidade que as professoras têm de observar a oralidade de cada aluno, individualmente. Por exemplo, certa vez, trabalhando a letra G, um aluno trouxe desenhada uma *girl* (garota); porém, quando a professora regente perguntava a palavra, ele dizia *grow* (verbo crescer). Perguntava novamente e obtinha a mesma resposta. Percebeu-se então que ele, em outras palavras com fonema da letra G, também tinha dificuldade na pronúncia. Passou-se, a seguir, a trabalhar com o aluno de forma individual, para sanar esta dificuldade.

Enquanto professora assistente, ajudo a professora regente na dinâmica do dia, ficando responsável por uma ou duas atividades no *learning center* (período do dia voltado para as atividades pedagógicas de ensino do inglês e da matemática). Dessa forma trabalho na mesa com até seis crianças, divididas em duas atividades. Toda atividade é corrigida na hora e qualquer erro deve ser pontuado ao aluno e o exercício errado deve ser repetido. Quando um aluno apresenta muita dificuldade, deve ser encaminhado a outra mesa, com atividade diferente, ou à área de brincadeira, sendo posteriormente chamado por mim para que possa receber toda a minha atenção.

O Inglês deve ser sempre a primeira língua a ser utilizada na comunicação com o aluno e, mesmo que a criança não entenda, é necessário buscar alternativas, no próprio Inglês, que as façam entender o que está sendo proposto. Desta forma, obriga-se o aluno a raciocinar de uma forma mais automatizada, buscando compreender os sinais e códigos da segunda língua. O português deve ser sempre utilizado em último caso.

Há três anos trabalhando no segmento, pude e posso observar de perto o desenvolvimento cognitivo de meus alunos, bem como suas limitações e, com muito orgulho, suas conquistas.

Apesar de a grande maioria dos estudantes de *Senior Kinder* ter entrado na escola no *Pre-Nursery*, alguns entraram em outras séries. Durante esse meu tempo de escola, tive oportunidade de trabalhar com algumas crianças que chegaram à OLM já no *Senior Kinder*, algumas com algum e outras sem nenhum conhecimento prévio do inglês. Entre eles, um me chamou especial atenção, um menino sírio, nascido em território brasileiro. A seguir vou designá-lo como **A**, para manter seu anonimato; se necessário, farei o mesmo para falar de outros indivíduos.

Atualmente com 7 anos, **A** é filho de imigrantes sírios. O menino chegou no segundo semestre do ano letivo à escola, vindo de uma creche, e passou então a ter aulas particulares em casa; na escola se mostrava muito interessado em aprender. De temperamento calmo mas, às vezes, disperso, apresentou um desempenho acadêmico muito bom para a situação em que se encontrava (ou seja, disperso e sem inglês prévio). No início, a dispersão tinha uma razão - a barreira da língua. Como não entendia o que falávamos, ele acabava sendo atraído por outras coisas, tal como o que acontecia do lado de fora da janela ou o que o colega estava fazendo.

Com o passar do tempo, a dispersão foi-se dissipando e **A** começou a progredir nas aulas. Foi muito enriquecedor presenciar o desenvolvimento deste aluno com relação ao restante da classe, assim como seu desenvolvimento enquanto indivíduo inserido em três culturas distintas, a síria, a brasileira e a americana.

Os traços culturais sírios eram muito fortes, desde o nome ao corte de cabelo. Sua preferência por comidas árabes também era muito significativa. Sempre que havia comidas árabes na escola, como tabule ou quibe, ele se mostrava mais bem-disposto para a refeição, enquanto que os pratos brasileiros, como o arroz e feijão, não eram muito de seu agrado.

Ao entrar em uma escola bilíngue, **A** passou a conviver com três línguas. O árabe é seu idioma principal, sua língua materna, na qual ele demonstra grande desenvoltura e domínio, pois é a língua falada em casa. O português também é facilmente dominado por ele, apresentando apenas um leve sotaque. O inglês então passou a ser um desafio, uma terceira língua a ser estudada, internalizada e dominada. A seu favor contavam as aulas particulares de inglês, que foram um fator facilitador para sua adaptação à metodologia da escola.

Ao final do ano letivo, seu desempenho surpreendeu positivamente, tendo atingido de forma satisfatória o objetivo traçado para ele pela professora regente, e que tinha como meta torná-lo apto a comunicar-se com os demais integrantes da escola em inglês, sabendo os principais comandos (*May I drink water?*, *May I go to the bathroom?*, *Excuse me, please, I have a question, I didn't understand*, entre outros); sabendo usar mais de 50% das *high frequency words* para formar frases; ter dominado todos os fonemas estudados; contar até 50 em inglês; saber as *Upper cases e Low cases* do alfabeto (letras maiúsculas e minúsculas); e saber escrever cerca de 50 palavras de três letras (palavras estudadas com os fonemas), como por exemplo *cat, rug, mop, big, sun, ten*.

Em pouco menos de seis meses, **A** conseguiu igualar seu rendimento a alguns alunos brasileiros, que já eram alunos da escola. Estes alunos, mesmo estudando desde séries anteriores, ainda apresentavam mais dificuldade em entender o inglês, alguns por alguma imaturidade emocional e outros por dificuldades na aprendizagem.

Atualmente, possuo em minha classe um aluno, **P**, brasileiro, filho de mãe brasileira e pai britânico, que demonstra total desenvoltura em ambas as línguas devido ao seu processo de bilinguismo ocorrer desde o nascimento. É interessante observar como **P** transita facilmente entre o inglês e o português. Logo que as aulas começaram, ele se comunicava majoritariamente em inglês, pois vinha de uma temporada de três meses nos Estados Unidos e, mesmo quando perguntado em português, respondia prontamente em inglês, demonstrando uma agilidade de pensamento grande para alguém da sua idade.

Ao contrário de **A**, que demorava a responder os comandos ou perguntas, pois claramente se compenetrava para tentar entender o que estava sendo pedido, **P**, devido ao seu bilinguismo precoce, navega com muita naturalidade em ambos os idiomas, demonstrando predileção pelo inglês.

Juntamente com minhas observações em sala de aula, cabe destacar as observações do campo em que estou inserida. A escola possui em seu corpo de alunos, crianças e jovens, de poder aquisitivo alto, que crescem em um ambiente totalmente americano. É, portanto, impossível não serem influenciados por tal cultura e tradições.

Ao conversar com meus pequenos alunos, é nítido como a palavra *Disney* faz parte de seu vocabulário. Alguns de meus estudantes já foram lá mais de três vezes. Falam com muita naturalidade de um lugar localizado a mais de 10 horas de voo de distância. Voltam da *Disney* cheios de presentes, brinquedos, roupas, tênis, canetas, fantasias, trazem chocolates para serem distribuídos às professoras e demais alunos. Por várias vezes, levantam as mãos para falar algo nada relacionado ao conteúdo, mas sim que faltam dois ou três dias para suas viagens.

Tal comportamento é compreensível, dado o poder de marketing da marca *Disney* em todo o mundo. No entanto, quando o aluno passa cerca de oito horas por dia, de segunda a sexta, em um ambiente em que a cultura americana é a dominante, é natural que ele/a sinta-se parte desta cultura e, assim, passe a ter uma nova concepção sobre sua própria identidade.

Tal constatação se confirmou em uma conversa com uma aluna de *High school*, chamemos de C, 17 anos, que morou nos Estados Unidos dos 2 aos 6 anos e ao retornar ao Brasil foi estudar na OLM. Entrou no *First Grade* (1ª série do Fundamental I) e hoje, já se formando, continua afirmando que sua língua materna é o inglês e não o português. Escreve redações facilmente em inglês, porém não tem a mesma desenvoltura no português. Lê autores americanos, mas não brasileiros, ouve música americana, mas não brasileira. Sua cultura é predominantemente americana, mesmo sendo brasileira.

Assim como C, outros alunos, principalmente os que começaram na educação infantil, tendem a se sentirem mais à vontade no inglês. É a língua oficial da escola, a mais trabalhada e a mais incentivada. Há programas de intercâmbio com escolas americanas e, nas férias, as famílias são incentivadas a mandar seus filhos para intercâmbios curtos em instituições americanas, visando aumentar a imersão no inglês.

Bilinguismo e biculturalismo são conectados, porém nem sempre a língua principal acompanha a cultura materna e vice-versa. Meus alunos de seis anos ainda possuem o português como língua principal, porém isto tende a mudar ao longo de seus anos na escola, porque têm a cultura americana como principal influência. Poucos sabem lendas do folclore brasileiro ou músicas de roda, porém todos sabem a história do dia de ação de graças americano (*Thanksgiving*), adoram a semana do *Halloween* e sabem todas as canções americanas natalinas.

Ao optar por uma educação bilíngue em uma instituição internacional, os pais não optam apenas pelo segundo idioma, mas também por uma outra visão de mundo, uma outra cultura para seus filhos. Não raramente, estudantes que concluem seus estudos em tais instituições, optam pelo ensino superior fora do país, uma vez que nem a língua e nem a cultura representarão obstáculo. Como já foi mencionado, a parte financeira também não.

5. Considerações Finais

Acredito ser o bilinguismo um importante instrumento de posição no mundo globalizado e em constante mudança no qual vivemos. A comunicação é, historicamente, a maior conquista da humanidade e a capacidade de trocar informações, códigos, signos, em uma língua que seja entendida por todos é sem dúvida um fator de aproximação entre os povos. Entretanto, tal fato deve ser desenvolvido com cuidado e atenção.

A cultura dominante no mundo é, indiscutivelmente, a americana, bem como o inglês é o idioma global. A globalização e a prática do capitalismo contribuem diretamente para esta situação. Porém, há de se ter cuidado para que as minorias linguísticas e culturais não venham a ser desvalorizadas e extintas devido ao contínuo movimento de expansão linguístico e cultural das nações dominantes, principalmente as detentoras da língua inglesa, como Estados Unidos da América e Inglaterra.

Escolas bilíngues, porém nacionais, são escolas mais neutras culturalmente falando. A cultura da segunda língua não passa a ser a dominante, há espaço para ambas as línguas e culturas. As internacionais são, de fato, escolas de outros países em solo brasileiro, sendo o currículo majoritariamente do país de origem e, por isso, trazem consigo a identidade e cultura deste país.

Cabe, portanto, aos pais refletirem e optarem por qual o tipo de aquisição de segunda língua eles querem para seus filhos. Uma aquisição que lhes proporcione um domínio da segunda língua, sem dano à sua própria cultura, ou a imersão total em um ambiente bilíngue e bicultural?

6. Referências Bibliográficas

AFONSO, Débora S. F. **Música e bilinguismo: Como a identidade cultural das crianças pode se evidenciar em suas composições musicais**. São Paulo, 2011.

Disponível para consulta em:

http://www.meloteca.com/teses/debora-sousa_musica-e-bilinguismo.pdf

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1999.

BIALYSTOK, Ellen; CRAIK, Fergus I. M. e LUK, Gigi. Bilingualism:

Consequences for mind and brain. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3322418/>

CAVALCANTI, Marilda C. **Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil**. Delta, 15 (especial), 1999.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. Cambridge University Press, 2003.

FISHMAN, Joshua A. **Bilingual Education: What and Why?** In TRUEBA, Henry T., BARNETT-MIZRAHI, Carol (Ed.) **Bilingual Multicultural Education and the Professional**. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1979, p. 11-19.

GROSJEAN, François. **Bilingual: Life and Reality**, Harvard University Press, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2011.

HARMERS, Josiane e BLANC, Michel. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge, University Press, 2000.

HINTON, Leanne. **Language Revitalization: An Overview**. In: Hinton, L., HALE, k. (Orgs) **The Green Book of Language Revitalization in Practice**, San Diego: Academic Press, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli Eiza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo, E.P.U, 2012.

MACNAMARA, John. **The bilingual's linguistic performance**. Journal of Social Issues, New York, 1967.

MEGALE, Antonieta Heyden. **Duas línguas, Duas Culturas? A construção da identidade.** Disponível em:

<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo062.pdf>

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky. Aprendizado e Desenvolvimento: Um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, Marta Kohl.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KwnIKDXeEdI>

PEAL, E., & LAMBERT, M. **The Relation of Bilingualism to intelligence.** Psychology Monographs, 1962, 76(546), 1-23.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky, Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação.** Petrópolis, Vozes, 1994.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WONSOSKI, Wanessa. **O Conceito de Identidade em Antonio da Costa Ciampa, Zygmunt Baumann e Stuart Hall.** Disponível em:

<http://www.eaic.uem.br/eaic2015/anais/artigos/324.pdf>

Filme **O garoto selvagem.** Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=K6GZPuxuBTU>